

OS GRANDES MISTÉRIOS DO ANTIGO EGITO

Luís Manuel de Araújo

OS GRANDES MISTÉRIOS DO ANTIGO EGITO

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros
Rua Professor Reinaldo dos Santos, 42, r/c
1500-507 Lisboa – Portugal
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Distribuidora de Livros Bertrand, Lda.
Rua Professor Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
Tel. 21 762 60 00 (geral) / 21 762 61 96
Fax 21 760 95 92
distribuidora@bertrand.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

© A Esfera dos Livros, 2017
© Luís Manuel de Araújo, 2017

1.ª edição: Julho de 2017

Capa: Ideias com Peso
Imagem da capa: Texto funerário de Amen-hotep II

Paginação: Segundo Capítulo
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 423 965/17
ISBN 978-989-626-814-5



À memória do Presidente Mário Soares (1924-2017)

ÍNDICE

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	19
1. QUEM FUNDOU A MONARQUIA EGÍPCIA?	39
2. OS EGÍPCIOS ERAM MESMO NEGROS?	49
3. QUANTOS DEUSES TINHAM OS EGÍPCIOS?	61
4. QUE MITOS TINHAM OS EGÍPCIOS?	73
5. PARA QUE SERVIAM OS HIERÓGLIFOS?	85
6. OS ESCRIBAS ERAM UNS PRIVILEGIADOS?	97
7. COMO SE CONSTRUÍRAM AS PIRÂMIDES?	107
8. PORQUÊ AS CHEIAS EM PLENO VERÃO?	117
9. OS HICSOS ERAM ASSIM TÃO MAUS?	129
10. QUEM DESTRUIU AMARNA-AKHETATON?	139
11. O QUE HAVIA NO TÚMULO DE TUTANKHAMON?	149
12. QUEM VENCEU A BATALHA DE KADECH?	161
13. HOVE CONSPIRAÇÕES CONTRA OS FARAÓS?	173
14. OS EGÍPCIOS ACREDITAVAM NO ALÉM?	185
15. O «LIVRO DOS MORTOS» ERA UM LIVRO?	197
16. HÁ MESMO A MALDIÇÃO DAS MÚMIAS?	207
17. HAVIA SACRIFÍCIOS HUMANOS?	219
18. PORQUÊ TANTOS ESCARAVELHOS?	231

19. OS EGÍPCIOS GOSTAVAM DOS GATOS?	239
20. ONDE ESTÃO OS PALÁCIOS E OS HARÉNS REAIS?	251
21. QUEM ERAM OS «POVOS DO MAR»?	265
22. JÁ HAVIA PORNOGRAFIA?	273
23. POR QUE ERA A <i>MAET</i> TÃO IMPORTANTE?	283
24. PORQUÊ TANTOS TÚMULOS EM TEBAS-UASET?	293
25. QUEM ASSALTOU OS TÚMULOS REAIS?	303
26. MAS AFINAL ONDE ESTÃO ELES?	317
27. ONDE ESTÁ O TÚMULO DE CLEÓPATRA?	329
28. QUEM FOI O MAIOR FARAÓ DO EGITO?	339
29. E O EGITO DEPOIS DOS FARAÓS?	351
30. NO SÉCULO XIX: ARQUEOLOGIA OU RAPINA?	363
GLOSSÁRIO	375
NOTAS	395
BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA	481
BIBLIOGRAFIA GERAL.	499
ABREVIATURAS E SIGLAS UTILIZADAS.	533
ÍNDICE REMISSIVO.	535

«O Egito é um país simples, luminoso e claro,
não tem nada de misterioso nem de lúgubre».

EÇA DE QUEIRÓS, 1869

PREFÁCIO

Depois de *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, publicado em 2011, eis que a editora A Esfera dos Livros propôs um novo desafio manifestado num interpelante e bem sugestivo título, também ele passível de colher o interesse dos muitos leitores que apreciam a temática egiptológica: *Os Grandes Mistérios do Antigo Egito*.

Tal proposta fundamentava-se no facto de algumas questões relacionadas com a longa e brilhante civilização que floresceu durante três milénios nas margens do rio Nilo ainda não estarem, aparentemente, de todo esclarecidas – seriam, pois, esconsos e dúbios «mistérios» que importaria perscrutar e desvendar, mais com o intento de apresentar o presente estado da questão do que empenhadamente buscar controversas e ínvias soluções «definitivas».

Feito o convite, seguiu-se uma ativa busca em torno da temática dos «mistérios» que estariam ainda por resolver ou por esclarecer, procurando, sobretudo, levar a cabo, ao longo de vários anos, uma demorada fase de indagação junto de muitos alunos e de pessoas que colocaram as suas questões e as suas dúvidas que gostariam de ver esclarecidas. A ideia era escrutinar o mais amplamente possível entre os indagados, desde os jovens do ensino básico aos estudantes universitários, estes de convívio quase quotidiano.

A indagação começou logo numa sessão realizada no Colégio de Santo André, uma escola de ensino particular de reconhecido nível pedagógico, por gentil convite da Professora Angélica Varandas, e ainda

aproveitando as diversas conferências de temática egiptológica que anualmente se vão concretizando, em resposta aos múltiplos convites feitos para várias escolas e associações culturais, de norte a sul do nosso país, e noutras situações congéneres, sempre que se proporcionava questionar a assistência dessas sessões acerca dos chamados «mistérios» do antigo Egito. Também se revelou muito útil a experiência colhida nos cursos livres de Egiptologia, iniciados em 2008, que o Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa foi levando a efeito, através da sua linha de investigação de «História Antiga e Memória Global», para além dos indispensáveis contactos com diversos alunos das cadeiras de História da Antiguidade Pré-clássica, História das Culturas Pré-clássicas e de Arte Pré-clássica, às quais se juntam os muitos alunos que frequentam as cadeiras opcionais de Introdução à Egiptologia e de Escrita Hieroglífica, disciplinas que todos os anos letivos o Departamento de História da Faculdade de Letras coloca à disposição dos seus alunos, mas que também têm despertado a atenção dos alunos de outros cursos.

Dessas «sondagens», regularmente feitas, acabaria por resultar uma lista copiosa de «mistérios» legados pelo antigo Egito, dos quais se selecionaram os que neste novo livro se oferecem à curiosidade dos leitores. Em cerca de dois anos de inquirições não admira que os temas mais solicitados fossem os das pirâmides, avultando aqui os «mistérios» relacionados com a sua construção, o mundo misterioso das múmias e o seu destino, a imensa quantidade de hieróglifos usados pelos escribas, e como era então possível escrever e ler aquilo tudo, os túmulos e as «maldições» a eles ligadas, o desnorteante panteão com centenas de deuses, qual deles com a imagem mais bizarra, o «mistério» do culto divino feito em templos gigantescos e inacessíveis, os casamentos na família real, a veneração pelos animais, em especial o touro, o falcão, o crocodilo, o carneiro e o escaravelho, a crença na vida eterna, o erotismo discreto, as «milagrosas» cheias do rio Nilo, o impressionante tesouro do jovem rei Tutankhamon, o paradeiro de túmulos por descobrir e, enfim, o carinhoso afeto pelos gatos...

Parecendo este assunto dos «mistérios» deixados pelo Egito faraónico estar, à primeira vista, mais relacionado com fenómenos correntes de egiptomania ou de egiptolatria, os quais se vão constantemente renovando, muito em especial na sua área mais propensa às vivências

emotivas e quiçá delirantes, ele não deixa, porém, de merecer uma relativa atenção por parte dos egiptólogos. Veja-se, entre outros casos, o volume editado por Bill Manley, *The Seventy Great Mysteries of Ancient Egypt* (2003), profusamente ilustrado, e onde colaboraram outros egiptólogos como Manfred Bietak, Mark Collier, Aidan Dodson, Dominic Montserrat, Paul Nicholson, David O'Connor, José-Ramón Pérez-Accino, Ian Shaw e Toby Wilkinson, para apenas mencionar os mais conhecidos. Mas atenção: não se pretende neste livro ir tão longe como os setenta grandes mistérios adrede compilados por Bill Manley e seus colaboradores – fiquemo-nos pelos trinta aqui selecionados e já teremos suficiente matéria para reflexão.

* * *

Tal como o autor fez em recentes trabalhos, a redação do presente texto seguiu o novo acordo ortográfico para a língua portuguesa, que tem sido contestado em Portugal e noutros países de língua oficial portuguesa. E é reiterando o que foi dito em anteriores circunstâncias, que de novo aqui se afirma: embora o autor prefira a forma «Egipto», é preciso considerar que a prosódia acabou por impor, bem ou mal, a forma Egito, porque, na verdade, as pessoas não pronunciam a letra *p* que consta no nome do país do Nilo (nome que, recorde-se, é de origem grega, já que os antigos Egípcios chamavam Kemet à sua úbere terra negra). Embora do ponto de vista histórico e filológico se justifique a letra *p* no vocábulo toponímico, aceitou-se, pois, esta nova norma, e far-se-á aqui o mesmo que já antes tinha sido feito para as Edições Colibri, no livro sobre *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito* (2012), para a editora A Esfera dos Livros, com *Os Grandes Faraós do Antigo Egito* (2011), e no catálogo *A Coleção Egípcia do Museu de História Natural da Universidade do Porto* (2011). Acrescente-se ainda que a Editorial Caminho, agora integrada no grupo Leya, vai iniciar em breve a segunda edição do *Dicionário do Antigo Egito*, esgotado desde há uns dez anos, e será com esta nova grafia que este valioso instrumento de trabalho e de consulta sairá, visando também os países que falam português, a começar pelo Brasil.

Registe-se ainda que, a exemplo das obras acima referidas, os nomes dos monarcas do antigo Egito, bem como de outras personagens divinas e humanas mencionadas neste volume, estão redigidos tal como

constam no *Dicionário do Antigo Egito* (2001), e tal como foram evocados no catálogo do Museu Nacional de Arqueologia, editado pelo Instituto Português de Museus, intitulado *Antiguidades Egípcias* (1993, já esgotado, mas com uma segunda edição revista e aumentada agora em preparação), no catálogo do Museu Calouste Gulbenkian, *Arte Egípcia* (reeditado em 2015, também com uma versão em inglês com o título de *Egyptian Art*), e ainda no recente catálogo da coleção egípcia da Universidade do Porto (2011), que venceu o prémio da Associação Portuguesa de Museologia para 2012 destinado a edições do género. O mesmo método foi seguido no já referido volume sobre *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito* (2012).

Renovando um útil aviso, já feito em outras circunstâncias de edição de obras sobre o antigo Egito, convém atempadamente elucidar os leitores que certas palavras e expressões comuns egípcias utilizadas neste trabalho foram deixadas intraduzidas – é o caso de *ba*, *ka*, *akh* (e respetivos plurais), ou de *maet*, *uadj*, *udjat*, entre outras, explicando-se no entanto o seu significado ao longo do texto. Por outro lado, e seguindo a metodologia usada para *Os Grandes Faraós do Antigo Egito* (2011), optou-se pelas formas egípcias nos nomes próprios e comuns, salvo algumas exceções que estão mais consagradas pelo uso, uma opção reforçada pelas publicações de diversos egiptólogos portugueses, que nos últimos anos, em artigos ou em livros, têm enriquecido a bibliografia desta área. Trata-se afinal, e tão-somente, de fazer o mesmo que outros países já fazem desde há bastante tempo, isto é, passar diretamente nomes de deuses, de reis e de personagens diversas, ou de locais, bem como os nomes comuns, das formas egípcias hieroglíficas originais para as respetivas línguas nacionais, numa autónoma e desejável adaptação prosódica. De novo se insiste, reiterando aquilo que em anteriores textos se enfatizou: não é curial publicar no nosso país textos com nomes egípcios escritos à moda francesa, inglesa, alemã ou outra, porque os leitores serão, em princípio, portugueses. Para transcrever de maneira sensata basta observar com atenção a forma original egípcia, entender o seu significado semântico e depois apreender bem os seus vários componentes, e só então vertê-la para uma apropriada e correta grafia que corresponda à prosódia do português – de resto, foi isso que se fez, com sucesso, para os vários nomes próprios e comuns que constam no já mencionado *Dicionário do Antigo Egito*.

Quanto ao método de transliteração das palavras egípcias utilizado neste volume, é o de Alan Gardiner na sua clássica *Egyptian Grammar*, e que consta em Raymond Faulkner, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, entre muitos outros, enquanto os hieróglifos são os providenciados pela útil fonte Winglyph, sendo a este propósito justo destacar o eficaz apoio técnico dado pelo Doutor Telo Ferreira Canhão, que já em anteriores obras tinha dado a sua valiosa contribuição neste âmbito.

Como vem sendo norma nos trabalhos publicados pelo autor, também neste volume o leitor dispõe de um mapa que mostra os locais mais importantes do antigo Egito a anteceder a introdução (p. 20) e uma tábua cronológica no final (p. 37), que podem ser úteis elementos de apoio na leitura desta obra, dado que ela está pejada de alusões a muitos sítios do antigo Egito e a datas de uma ampla cronologia de difícil apreensão – a verdade é que sempre foram três mil anos de história, bem recheados de acontecimentos religiosos, políticos, militares, sociais e culturais, com alguns «mistérios» pelo meio...

* * *

Na fase de recolha de impressões e de preparação do original, a qual se processou ao longo dos últimos quatro anos, não se recorreu apenas a amigos e a pessoas mais diretamente relacionadas com a área egiptológica, tendo sido deveras úteis os diversos depoimentos feitos, informalmente, por colegas, como os professores José Varandas, João Cosme, Teresa Nunes, Miguel Monteiro, António Ventura, docentes da Faculdade de Letras de Lisboa, pelo major-general Adelino de Matos Coelho, e por antigos alunos como Aline Hall, Rita Araújo Pereira, Artur Pereira, ou alunas de mestrado da área de História Antiga (Egiptologia), como Daniela Martins, Sara Rodrigues, Cristina Ogando e Maria José Albuquerque, a que se juntam alunos já em fase de doutoramento como Paulo Carreira e Joaquim Pascoal. Registe-se ainda que a recolha de depoimentos foi alargada a alguns estrangeiros residentes em Portugal e que, nos seus diversos países de origem, tiveram a oportunidade escolar de tomar conhecimento da história do antigo Egito nos programas de estudo oficiais que frequentaram: assim ocorreu com Kim Da-in (Coreia do Sul), Paulo Siqueira (Brasil), Kioko Koiso (Japão), Shiv Kumar Sing (Índia) e Anne Taylor (Estados Unidos).

O autor beneficiou igualmente de proveitosas trocas de informação com os colegas e amigos Jean-Luc Bovot, egiptólogo do Museu do Louvre, Josep Padró, professor catedrático jubilado da Universidade de Barcelona, e também com os colegas egiptólogos portugueses, aproveitando o profícuo ambiente de trabalho conjunto motivado pela ativa participação nos cursos de temática egiptológica promovidos pelo Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde amiúde têm lecionado alguns dos mais conhecidos e mais produtivos egiptólogos do nosso país, cujas obras têm despertado interesse entre as muitas pessoas que gostam de conhecer o passado faraónico.

Um sincero agradecimento é devido ao Dr. Miguel Araújo pelo eficiente apoio em trabalhos de tradução e de secretariado. Também se agradece jubilosamente ao Professor Doutor José das Candeias Sales, pró-reitor da Universidade Aberta, pelos providenciais textos que foi facultando ao longo da redação deste livro, e ao Professor Doutor Rogério Sousa, do Instituto Superior de Ciências da Saúde (Norte), bem como ao Doutor Telo Ferreira Canhão, do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a fecunda e aliciante troca de ideias que se patenteiam nos trinta capítulos dedicados aos mistérios do antigo Egito – que se manterão, de resto, por resolver ou por clarificar, reavivando assim o vivo interesse, que é inesgotável, pela milenar civilização do país do Nilo.

LUÍS MANUEL DE ARAÚJO
Praia das Maças, dezembro de 2016



Um faraó romano: o imperador Trajano (98-117) cultuando a deusa Hathor no templo de Dendera, com os seus nomes encartelados em cima (Autocrator Caisers Traianu).



INTRODUÇÃO

A pesar dos inúmeros estudos que até hoje têm sido feitos sobre o antigo Egito, e que tantos leitores atraem em todo o mundo, desde especialistas e estudantes ao público em geral, nem todos os aspetos relacionados com a notável civilização faraónica estarão completamente esclarecidos – por isso mesmo se costuma amiúde dizer, com uma descontraída ligeireza, que ainda subsistem alguns «mistérios»...

A egiptologia, ciência relativamente recente que estuda o legado do antigo Egito com os seus mais de 3000 anos de duração, e que alarga o seu campo de análise à longa fase pré-histórica e à derradeira Época Greco-romana, já terá esclarecido, no essencial, o que de mais relevante caracteriza a civilização faraónica¹. Mas permanecem algumas dúvidas no âmbito da arquitetura, da iconografia, das práticas funerárias, da organização social, e até mesmo da escrita e de certas fases da história política do país do Nilo, e esta ansiosa busca de respostas para situações que estão por esclarecer mantém vivo o interesse pelo país do Nilo, tanto entre egiptólogos como entre egiptómanos, considerando-se aqui a vertente da egiptomania como um emocionante e saudável estado de espírito que leva muitas pessoas, mesmo com escassos conhecimentos históricos, a sentir admiração e mesmo paixão pelo Egito faraónico, desejando saber sempre mais e buscando, avidamente, novidades sobre o tema de sua eleição. Para isso não faltam livros, artigos, filmes, documentários, ou coleções de antiguidades egípcias para serem visitadas em muitos museus, incluindo no nosso país.

Por outro lado, desde os decénios mais recentes avulta a grande massa de informação que a Internet põe à disposição dos interessados, com os conhecidos perigos que acompanham essa ampla e universal divulgação nem sempre escorreita, a qual, entre outros fenómenos, tem servido para alicerçar as estultas ideias de timbre «egípcio», tão caras aos mentores de atuais sociedades mais ou menos secretas e lucubran-tes, que se empenham na perscrutação ínvia de mistérios insondáveis².

Aliás, este vivo interesse pelo antigo Egito e pela sua história remonta a épocas muito recuadas, e até se pode dizer que ele vem já dos distantes tempos faraónicos, dado que foram os próprios egípcios os primeiros a interessarem-se pelo seu país, procurando conhecer o seu passado e, em certas fases do Império Novo (XVIII-XX dinastias) e da posterior Época Baixa (em especial com a XXVI dinastia saíta), tentando reparar os monumentos em ruínas, o que implicava saber quando e por quem tinham sido erigidos. E já os antigos Gregos e Romanos, pelo menos as elites mais providas de cultura, sentiram uma inegável atração pelo velho país do Nilo, situação que esmoreceu com a conquista árabe do Médio Oriente e Norte de África a partir do século VII³, quando as acirradas rivalidades político-religiosas da época acabaram por transformar o mar Mediterrâneo num elemento de separação e conflito, ao invés do fator de união e comunicação que tinha sido nos tempos áureos do Império Romano. E assim se viu o Egito transformado numa região um tanto exótica e inacessível, conhecida apenas através do texto bíblico (e aí nem sempre pelas melhores razões)⁴.

Os contactos com o Egito foram sendo, a pouco e pouco, incrementa-dos a partir do século XVI, graças aos relatos dos comerciantes e viajantes que demandavam o seu porto de Alexandria, aventurando-se alguns até ao Cairo e mais para o interior do país. Desde então, entre uma visão lendária e fabulosa, buscando comercializar o famoso «pó de múmia», cujas virtudes eram enaltecidas pela farmacopeia da época, e os relatos dos viajantes dos séculos XVI e XVII (como o «veneziano anónimo» ou Pietro della Valle), foram surgindo tentativas para melhor conhecer o país do Nilo e a sua história milenar. Neste ativo afã de redescobrir a história e a cultura do antigo Egito, numa altura em que não se sabia ler os textos egípcios que entretanto tinham chegado à Europa, mere-cerá destaque a tentativa do sábio jesuíta Atanásio Kircher, residente em Roma, que procurou decifrar a escrita hieroglífica, entretanto caída